

CAPACIDADE DE DIVERSIFICAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO COM A VARIEDADE DE TABACO BURLEY COMPARADA COM OS DA VARIEDADE VIRGINIA NO ESTADO DO PARANÁ

Ana Paula Schervinski Villwock; Miguel Angelo Perondi; Roberto Shigueyasu Yamada; Antonio Carlos Gerva

Acadêmica e Bolsista PIBIC do Curso de Agronomia da UTFPR, Campus Pato Branco; Doutor em Desenvolvimento Regional e Professor do Curso de Agronomia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR, Campus Pato Branco; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR, Campus Pato Branco; Biólogo e Técnico em Agropecuária - Extensionista da EMATER Irati – PR.

Resumo – A relação da sociedade brasileira com a cultura do tabaco é paradoxal se, por um lado, setores do Estado e da sociedade civil apontam diversos motivos de saúde pública para restringir o consumo, por outro, o Brasil é o segundo maior produtor e o maior exportador mundial de folhas de tabaco, sendo a região Sul do Brasil responsável por 97% da produção total. Portanto, regulação é uma questão chave para compreender a cadeia produtiva do tabaco, sendo importante que se conheça a dinâmica econômica e produtiva deste setor. O sistema de produção do tabaco no Sul do Brasil é fundado entre a produção das variedades Burley (Sistema de Galpão) e Virginia (Sistema de Estufa) que apresentam uma distinta forma de produção, transformação e comercialização. Portanto, esse trabalho procura caracterizar os diferentes sistemas de produção de tabaco e os diferentes espaços de diversificação econômica que aportam para a agricultura familiar. Para tanto, durante a safra agrícola 2009/2010, realizou-se um estudo comparativo de casos entre fumicultores e ex fumicultores de duas comunidades rurais que cultivaram, distintamente, as variedades de tabaco Burley e Virginia, ambas localizadas no Estado Paraná. E, este estudo concluiu que o sistema de produção com a variedade de tabaco Burley demanda menos força de trabalho, produz uma maior renda per capita e permite uma maior diversificação da renda que o sistema de produção com a variedade de tabaco Virginia.

Palavras-Chave: tabaco, agricultura familiar, diversificação, renda rural

Abstract- The ratio of Brazilian society with the culture of tobacco is paradoxical if, that on one hand, sections of the state and civil society point to several public health reasons for restricting the consumption, on the other hand, Brazil is the second largest producer and largest exporter tobacco leaves, 97% produced in southern Brazil. So, regulation is a key issue for understanding the supply chain of tobacco, and it is very important to understand the economic dynamics of this productive sector. The system of tobacco production in southern Brazil is established between the production of varieties Burley (Shed System) and Virginia (Greenhouse System) that exhibit a distinct form of production, processing and marketing. Therefore, this paper aims to characterize the different systems of tobacco production and the different aspects of economic diversification that contributes to the family farm. To this end, during the crop year 2009/2010, there was a comparative case study between growers and former tobacco growers in two rural communities that grew distinctly varieties of Burley and Virginia, both located in Paraná State. And this study concluded that the production system with a variety of Burley tobacco demand less labor, produces a higher income per capita and allows a greater diversification of income that the production system with a variety of Virginia tobacco.

KeyWord: tobacco, family farm, diversification, rural incomes

1. INTRODUÇÃO

A Revista Rede Câncer (2008) afirma que as doenças causadas pelo tabagismo são responsáveis por 10 mil mortes a cada dia, significando um óbito a cada 6 segundos, e aniquilando cerca de 5 milhões de pessoas em todos os anos.

Para atender o grande consumo de tabaco no mundo existe uma grande produção localizada em países como a China e o Brasil, sendo que a própria China, Índia e os Estados Unidos são também os maiores consumos de folha de tabaco, que segundo USDA (2005) consumiram 2.220.320, 486.230, e 450.000 toneladas respectivamente; e são, juntamente com o Brasil, os maiores produtores da folha de tabaco (ver Tabela 1 a seguir).

Tabela 1 - Produção Mundial de Fumo em folha nos Principais Países (toneladas)

País	Safras				
	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
China	2.295.000	1.997.103	2.079.950	1.910.450	2.013.735
Brasil	493.100	442.345	551.250	515.720	757.075
Índia	599.400	530.000	592.000	595.000	598.000
Estados Unidos	408.200	404.559	358.363	339.241	357.612
Indonésia	157.052	146.100	144.500	143.650	143.700
Turquia	207.911	172.027	125.930	135.690	127.613
Malawi	89.550	110.160	124.301	121.021	138.000
Total Mundial	6.399.533	5.853.024	5.732.640	5.374.070	5.743.574

Fonte: USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).

Nesse contexto é importante saber que o Brasil é segundo líder mundial de produção, atrás somente da China, e o líder mundial em exportação, tendo exportado 564.000 toneladas de folhas secas de tabaco na safra 2004/2005 (USDA, 2010). Nesse mesmo ano, somente o Sul do Brasil respondeu por 97% dessa produção, sendo que a maior produtividade ficou com estado do Paraná, o que corresponde a 1.950 kg/há (IBGE, 2005).

A produção de tabaco do Paraná é composta por dois tipos de fumo: Virginia (conhecido como Fumo de Galpão) e Burley (conhecido como Fumo de Estufa). Tais variedades exigem colheita, secagem e classificação distinta, sendo que a variedade Burley exige um cultivo menos intenso, permitindo que o agricultor entre menos vezes em contato com a folha do fumo (DESER, 2008).

Do total de tabaco produzido na região Sul, nas safras 2003/04 e 2005/06, a variedade Virgínea (Fumo de Estufa) participou com 82,7%, enquanto que o Burley (Fumo de Galpão) participou com 16,4% e o Comum com apenas 0,9% do total produzido. (DESER, 2008).

E enquanto o Brasil consegue ser o segundo maior produtor e o maior exportador mundial de folhas de tabaco tendo a região Sul do Brasil responsável por

97% dessa produção, paradoxalmente, existe setores do Estado e da sociedade civil que apontam diversos motivos de saúde pública para restringir o consumo. Portanto, regulação é uma questão chave para compreender a cadeia produtiva do tabaco, sendo importante que se conheça a dinâmica econômica e produtiva deste setor.

Assim, perante esse cenário alarmante e contraditório cenário de consumo e produção de tabaco, principalmente em países em desenvolvimento, tem sido realizado esforços mundiais para a diminuição do tabagismo. Dentre varias medidas tomada por países, ressalta-se o primeiro tratado internacional de saúde pública, realizado em maio e 2003, com a participação de 190 países membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) denominado: "Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT)", a qual prevê a união de esforços dos países membros num conjunto de medidas que detenham a expansão do consumo de tabaco no mundo. O artigo 3 da CQCT objetiva: "proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas gerada pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco".

No Brasil, a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, aconteceu em outubro de 2005, o qual cinco Ministérios do governo brasileiro assinaram um termo de compromisso, no qual, dentre varias questões, garantem a viabilização de um Programa de Apoio a Diversificação nas áreas de cultivo de fumo.

Para que seja controlada a cadeia do Tabaco, é importante se preocupar com a sua base, a qual é constituída por produtores de fumo, os quais estão expostos a constantes riscos a sua saúde, e a penosidade desde trabalho que exige muito tempo e dedicação com a lavoura de fumo, juntamente com o intenso contato com agrotóxicos, sendo que nem sempre a remuneração é favorável e condiz com os investimentos feitos pelo sistema de integração produtor/indústria. Por outro lado, essa atividade pode se manter nas propriedades de muitos agricultores por apresentar um lucro atrativo numa pequena área de terras, e assegurar uma previsível remuneração ao final do cultivo apresentando um mercado garantido.

Nesse sentido, é fundamental que se compreendam as diferenças e semelhanças entre o fumo Virginia e o Burley, para o melhor entendimento de cada sistema de produção. E, procurando caracterizar os diferentes sistemas de produção de tabaco e os diferentes espaços de diversificação econômica que aportam para a agricultura familiar, durante a safra agrícola 2009/2010, realizou-se um estudo comparativo de casos entre fumicultores e ex fumicultores de duas comunidades rurais que cultivaram, distintamente, as variedades de tabaco Burley e Virginia, ambas localizadas no Estado Paraná. (Ver Figura 1, a seguir).

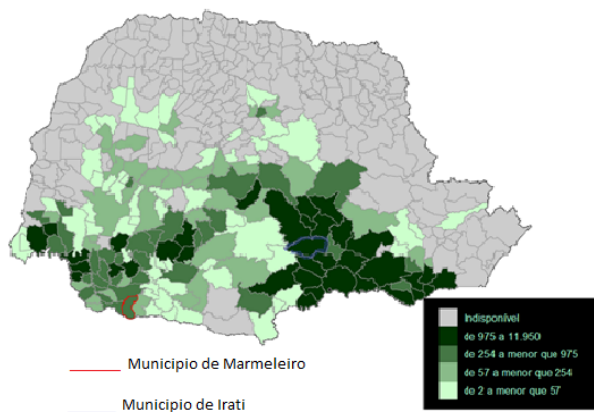


Figura 1 - Produção de tabaco no Paraná (em toneladas) e localização de Marmeleiro e Irati
Fonte: IBGE (2010, adaptação nossa).

Para tanto, foi realizado um levantamento dos sistemas de produção do tabaco entre fumicultores e ex fumicultores na Comunidade Itaiba no município de Marmeleiro, região Sudoeste do Paraná e Volta Grande no município de Irati, região Centro Sul do Paraná. Na região de Marmeleiro ocorre a produção da variedade Burley, já no município de Irati há a produção da variedade Virginia, permitindo assim, fazer a análise de comparação entre os dois sistemas de produção de fumo no estado do Paraná.

Para a escolha das famílias pesquisadas na comunidade Itaiba e Volta Grande foram realizadas reuniões com os produtores em suas comunidades que acabaram por sugerir nomes de ex-fumicultores e fumicultores que aceitaram participar da pesquisa.

Para a coleta de dados foi utilizado um formulário estruturado de diagnóstico do sistema de produção e composição da renda e, para a melhor compreensão do contexto e dos problemas relacionados, foram feitas algumas entrevistas "abertas" que conforme orientou Richardson (1999:210), serviram de informantes qualificados. As entrevistas foram padronizadas para permitir uma comparação das respostas, bem como, capturar a experiência de cada um no cultivo do tabaco e a construção de alternativas econômicas.

A pesquisa foi realizada com 12 famílias de cada comunidade, sem pretensão de representá-los estatisticamente, mas, compreender como o tabaco está inserido nas UP's fumicultoras com base em sua percepção em relação ao cultivo, bem como, observar suas estratégias de cultivo e de composição de renda viáveis. Dessa forma, as 24 famílias foram divididas em dois grandes grupos. O grupo dos especializados e o grupo dos diversificados. E, a tipificação desses grupos, levou-se em consideração o "Índice de Diversificação" (ID) dos sistemas de produção, utilizado por Andrade (1995:47) que mede a desconcentração da renda

familiar pela seguinte expressão: $ID = 1/\sum Fi^2$.

Conforme explica Andrade, o F_i representa a fração da renda bruta total (ou margem bruta) proveniente da linha de exploração i ($i = 1, 2, \dots, n$, sendo n = número de explorações da propriedade). É válido destacar que quanto mais próximo da unidade um estiver o resultado, este indica uma estratégia menos diversificada.

Para compor o ID, levou-se em consideração a renda bruta total dos estabelecimentos, aqui incluso as atividades agrícolas e não agrícolas, fora e dentro das UP's. Saliencia-se que as transferências sociais, como aposentadorias, pensões e bolsa família não compõe esse índice por compreender que esses não são oriundos da força de trabalho e, quando excluídos do cálculo, resultaram em grupos mais condizentes com a realidade percebida a campo. Dessa maneira, compõe o grupo dos especialistas, as famílias que possuem seu ID inferior a média do ID das 24 famílias. E para ser caracterizado como diversificado tem a família que apresentar um ID igual ou superior a média, que neste caso teve um valor igual a 2,4. Assim, pôde-se comparar as duas comunidades com base num único critério de tipificação das estratégias de diversificação da renda rural.

2. DIVERSIFICAÇÃO

A idéia de verificar o ID das comunidades no meio rural decorre da necessidade de melhor compreender como as famílias inserem e organizam o sistema de produção estão inseridas no seu meio. Segundo Frank Ellis apud Schneider (2004) as "estratégias de sobrevivência familiares e de diversificação dos modos de vida rurais", demonstram que as iniciativas e ações que geram impactos significativos na melhoria das condições de vida das populações e que ampliam suas perspectivas de garantir a reprodução social e econômica estão, na maioria das vezes, nas próprias localidades e territórios em que vivem.

Assim, a unidade de produção diversificada propicia uma maior oportunidade de escolhas, sendo que, Perondi (2007) coloca que o processo de diversificação pode representar uma alternativa viável para saída da vulnerabilidade em que se encontram as populações, que pode ser entendida "tanto como uma estratégia de reação a uma situação de crise, precariedade ou necessidade" bem como "uma estratégia de adaptação ou escolha, que ocorre quando há uma busca pró-ativa por alternativas de meio de vida.". Sendo determinantes os aspectos relacionados ao clima, economia e o contexto social que está inserido .

Perondi (2009) coloca a diversificação como a criação da diversidade em processos sociais e econômicos que pressionam e que também oportunizam às famílias a se adaptarem e a diversificarem os seus meios de vida.

3. LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA

3.1. Município de Marmeleiro

Na Figura 1 anterior, pode-se localizar o município de Marmeleiro na região Sudoeste do Paraná, esse município contém 13.909 habitantes e um território de 388 km² (IBGE,2010)

Segundo a mesma fonte até o ano de 1915 eram os índios que viviam nesta região, substituídos a seguir pelos caboclos e colonos europeus. O auge da colonização se deu após 1940, com um grande fluxo de migrantes para o povoado, na maioria vindos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e arredores, motivados pela necessidade de terra, na tentativa de obter riqueza e de progredir, construindo o município de Marmeleiro.

De acordo com o IAPAR, o clima de Marmeleiro é subtropical úmido mesotérmico, com verões quentes e geadas pouco freqüentes (cfa, conforme Köppen), com tendência de concentração das chuvas nos meses de verão, e não possui estação seca definida. O cultivo de grãos, tabaco e a atividade leiteira, entre outras, são as principais atividades agrícolas. Sendo produzidos no município 395 toneladas de fumo em folha em 225 há, rendendo 1.755 kg/ha, o que consiste num lucro total de 2.173 mil reais aos agricultores (IBGE, 2010).

3.1.1. Comunidade Itaiba

A comunidade surgiu entre 1987 e 1988 em decorrência do assentamento de famílias atingidas pela barragem de Usinas Hidrelétricas de Itá. O numero inicial de assentados era de 32 famílias advindas dos municípios de Itá – SC e Aratiba – RS (VIANA, 2003).

Segundo Consocioita (2010) o critério de assentamento seguiu as normas da Eletrosul e atualmente vivem na comunidade 45 famílias, dentre essas, 31 famílias dedicam-se a fumiicultura e 14 não são fumicultoras. Dentre as famílias entrevistadas que trabalham com fumo, todas obtêm a atividade leiteira, sendo que as famílias não fumicultoras obtêm a sua fonte de renda de atividades não agrícolas como transferências sociais e trabalho fora da propriedade (isso será prospectados mais a frente), além de atividades agrícolas como a fruticultura e também o leite.

3.2. Município de Irati

Francisco de Paula Pires e Emilio Batista Gomes adquiriram em 1899 uma grande área de terras nas adjacências do Covalzinho e fundaram a Vila São João, mais tarde Irati Velho. Esperavam os fundadores que os trilhos da estrada de ferro passassem por ali, o que traria o progresso e estabilidade ao seu povoado. Tal fato não ocorreu, a ferrovia ao ser construída desviou dali, certamente

em função da topografia indo atingir o povoado de Covalzinho. Desta forma foi inaugurada a Estação Ferroviária e Telegráfica do Irati, que recebeu forte fluxo migratório e em pouco tempo assumia ares de cidade, expandido e sendo criado o município de Irati.

Conforme a Figura 1 anterior, o Município esta localizado a 25°28'02" de latitude sul e a 50°39'04" de longitude Oeste – GR, possui uma área terrestre de 995,290 km² e altitude de 812 m, ficando distanciado da Capital Curitiba à 150 km e localizado na região Centro Sul, com uma população de 56.288 habitantes. Seu PIB provem de 24,43% da Agropecuária, - 34,07% da Indústria e - 41,50% de serviços (IBGE, 2006).

Dos ciclos econômicos que marcaram a história de Irati destacam-se os ciclos econômicos da batata, do feijão, a erva-mate e do tropeirismo, que marcaram os ciclos históricos do desenvolvimento econômico do Município e deixaram traços históricos que oferecem um potencial bem diversificado à exploração da atividade turística.

3.2.1. Comunidade de Volta Grande

A comunidade Volta Grande teve sua Colonização em torno do ano de 1900 e suas principais atividades colonizadoras eram: o extrativismo, a subsistência e a erva mate, o que caracterizava a comunidade como tradicional. Com a entrada da fumiicultura nas propriedades muito se perdeu desta tradição e logo as fumageiras passaram a fazer parte desse cenário.

Dentro deste contexto, vivem 43 famílias na comunidade desenvolvendo diversas atividades, como: leite, fumo e grãos, além do autoconsumo.

4. Resultados e discussões

Grupo	ID	Atividades
Especializados	1,98	Fumo + Leite/animais + Grãos
	2,32	Ativ. Não Agrícola + Autoconsumo + Transferência Social
	2,32	Fumo + Leite + Autoconsumo
	2,32	Fumo + Autoconsumo + Transferência Social
Diversificados	2,87	Fumo + Leite/animais + Autoconsumo
	2,9	Fumo + Leite/animais + Grãos
	2,53	Fumo + Fruticultura + Transferência Social
	2,78	Fumo + Leite/Animais + Autoconsumo
	3,83	Fumo + Autoconsumo + Leite/Animais
	4,02	Ativ. Não Agrícola + Transformação caseira+ Autoconsumo
	3,14	Fumo + Leite/Animais + Ativ. Não agric.
3,65	Leite/Animais + Fumo + Transferência Social	

Figura 2- Estratificação dos produtores de acordo com ID - Comunidade Itaiba
Fonte: Pesquisa do autor

Como observado anteriormente os sujeitos deste estudo foram estratificados em dois grandes grupos: diversificado e especializado. Os dois grupos

formados são os especializados e os diversificados podem ser visualizados na Figura 2 a seguir.

Grupos	ID	Atividades
Especializados	1,6	Leite/animais+Grãos+ Autoconsumo
	1,6	Fumo + Autoconsumo +Grãos
	1,8	Fumo + Grãos + Autoconsumo
	2,1	Fumo + Grãos + Leite/animais
	1,8	Fumo + Autoconsumo + Transferência Social
	1,3	Leite/animais+ Autoconsumo +Transferência Social
	1,6	Grãos + Leite/animais + Autoconsumo
	1,6	Transferência Social + Leite/animais + Grãos
	2,0	Leite/animais+Grãos+ Autoconsumo
Diversificados	2,9	Fumo + Grãos + Leite/animais
	2,9	Leite/animais + Fumo + Ativ. Não Agrícola
	2,5	Fumo + Grãos + Autoconsumo

Figura 3– Estratificação dos produtores de acordo com ID - Comunidade Volta Grande
Fonte: Pesquisa do autor

Comparando as Figuras 2 e 3 observa-se na Comunidade Itaiba que todos os produtores que tem a atividade do fumo obtém também a atividade leiteira, fato esse que não acontece na comunidade Volta Grande, sendo que a principais atividade que acompanham o fumo é a atividade leiteira, produção de grãos e o autoconsumo.

As Figuras 2 e 3 também permitem comparar o ID das comunidades. Na comunidade Itaiba existe um menor numero de famílias (4) que estão no grupo dos especializados se comparado com o numero de famílias que estão na comunidade Volta Grande (9). Nas famílias diversificadas, há um maior numero de famílias diversificadas (8) na comunidade Itaiba do que na comunidade Volta Grande, podendo concluir que há muito mais famílias diversificadas na comunidade que se obtém o fumo de galpão do que no fumo de estufa.

Além disso, há uma análise entre o ID das duas comunidades. A comunidade que produz o fumo de galpão tem o ID maior que o fumo de estufa (comparando a média dos especializados e diversificados de cada comunidade), sendo que a média dos especializados e dos diversificados da comunidade Itaiba é 2,24 e 3,22 respectivamente, e na Comunidade Volta Grande a média do ID dos especializados fica em 1,71 e dos diversificados em 2,77.

Essa comparação demonstra que na comunidade que produz fumo de galpão os ID são mais altos que os ID do fumo de estufa, confirmando segundo a literatura de Bonato (2008), que a produção do fumo de estufa é mais intensiva que a do fumo de galpão, sendo menos difícil para o produtor de fumo de galpão ter e poder colocar em prática outras atividades para contribuir com a renda da família, diminuindo ou até mesmo exterminando com atividade do fumo em suas propriedades.

Neste estudo comparativo as semelhanças encontradas entre os produtores diversificados e

especializados ocorrem com a escolaridade dos agricultores, sendo que a idade dos responsáveis se situa na faixa de 36 e 59 anos e ensino fundamental incompleto.

Para melhor compreensão, precisa ser feito uma análise da quantidade de unidade de trabalho humano familiar (UTHf) as propriedades detém. As propriedades da Comunidade Itaiba tem UTHf médio de 3,15, já a comunidade Volta Grande tem UTHf de 3,6. A partir disso, podemos cruzar o ID dos grupos com a UTHf dos mesmo, como será apresentado na Figura 4 abaixo.

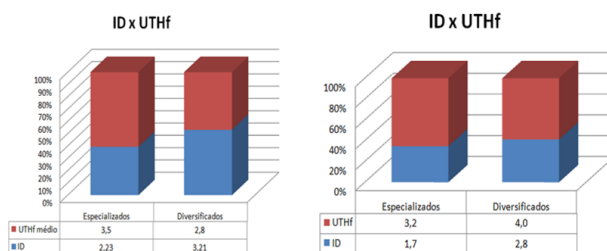


Figura 4 - Análise comparativa do ID x UTHf das comunidades de fumo de galpão e de estufa respectivamente
Fonte: Pesquisa do autor

Na Figura 4 se evidencia que a UTHf do grupo especializado não difere do diversificado, entretanto, existe diferença no ID, sendo que no fumo de galpão o grupo dos especializados tem maior ID se comparado com o fumo de estufa, mas não tem maior UTHf. Os grupos dos diversificados contém UTHf bem distintas, pois no fumo de galpão ela é menor que o fumo de estufa, mas o ID das famílias que detém o fumo de galpão é maior que as famílias do fumo de estufa.

Partindo dessa análise, não se percebe como em Simonetti (2010) que a maior disponibilidade de força de trabalho propicia maior diversificação, pois as famílias que produzem o tabaco de estufa demandam muita mão de obra que distorcem sua possível maior capacidade de diversificação.

Das principais atividades que as famílias especializadas realizam estão: Fumo, leite/animais, grãos, autoconsumo e atividades não agrícolas. Dessas atividades, há uma diferença entre as comunidades e também entre os grupos, como se pode comparar nas figuras abaixo.

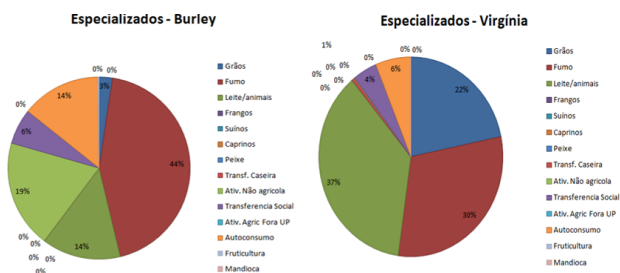


Figura 5 - Composição das atividades que compõe a renda total do grupo dos especializados de fumo de galpão e de estufa respectivamente.
Fonte: Pesquisa do autor

Através da Figura 5, se nota a diferença entre as principais atividades que compõe a renda das famílias. No grupo dos especializados que produzem Burley, as principais atividades (em ordem crescente) são: fumo, atividade não agrícola, leite/animais, autoconsumo, transferência social. Já na comunidade que produz o fumo Virginia as principais atividades são: leite, fumo, grãos, autoconsumo e transferência social.

Nas famílias especializadas que produzem o fumo de galpão, a fumicultura ocupa uma maior porcentagem da renda se comparado com os de estufa. Assim, na comunidade de Volta Grande a principal atividade é o leite/animais, depois ocorre a fumicultura e por fim os grãos.

Não se pode deixar de lado a importância do autoconsumo nas comunidades, sendo que nas famílias que produzem o fumo Burley, a porcentagem de autoconsumo é mais presente do que nas famílias que produzem Virginia, resultando em valores de 14% e 6% respectivamente. Quando compara-se os produtores especializados com os diversificados, a análise é outra. No grupo dos diversificados que produzem o fumo Virginia, aumenta-se a porcentagem se compararmos com os especializados, coisa que não acontece nas famílias diversificadas que produzem o fumo Burley, pois o grupo dos especializados tem 14% da porcentagem de composição das atividades e os diversificados reduziram para 12%. Isso nos mostra que na comunidade que produz o fumo de galpão diluiu-se ainda mais porcentagem das atividades que compõe as propriedade, explicando então o porque do maior ID nas famílias produtoras de fumo de galpão comparadas com as produtoras de fumo de estufa.

Nos grupos dos diversificados as principais atividades continuam sendo as mesmas que os especializados (com algumas exceções), mas com importâncias diferenciadas na composição da renda de cada família e com melhor distribuição da renda entre as atividades, condizendo com a literatura, que segundo Perondi (2008) quanto mais diversificadas as famílias são, maior é a diluição da porcentagem de renda entre as atividades.

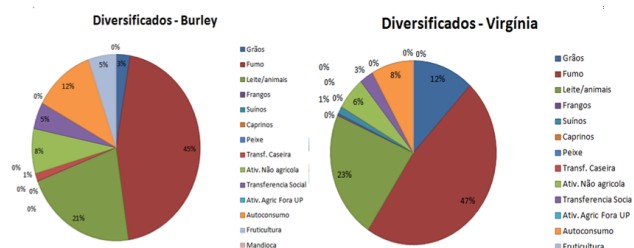


Figura 6 - Composição das atividades que compõe a renda total do grupo dos diversificados de fumo de galpão e de estufa respectivamente. Fonte: Pesquisa do autor

No fumo de galpão houve uma melhor distribuição da renda que no de estufa, apresentando um peso relativamente menor do tabaco e maior do autoconsumo.

Para compor a renda agrícola (RA), buscou-se compreender como ocorre a dinâmica econômica das famílias, resgatando toda a movimentação financeira das atividades agrícolas, obtendo-se assim o custo intermediário (CI), que é composto de todos os custos com insumos para a produção animal, vegetal e para a transformação caseira, a mão-de-obra contratada, as despesas com manutenção de máquinas, equipamentos e instalações, e gastos com energia elétrica, água, gás e telefone. Também se buscou informações a respeito das instalações, máquinas e equipamentos existentes nas propriedades para posterior cálculo da depreciação (D) dos mesmos, de acordo com Lima (1995). Outro levantamento realizado via formulário, refere-se à distribuição do valor agregado (DVA), que corresponde aos demais gastos que possam existir referentes a produção, como juros de financiamentos, impostos das terras, contribuição sindical, entre outros. De outro lado, também através do formulário, buscou-se contabilizar tudo o que foi produzido e consumido pela família e também o que fora comercializado pela mesma no último ano agrícola, tempo que nessa pesquisa refere-se ao período de setembro/2009 a agosto/2010.

Com esses dados, foi possível elaborar a Figura7, que compara produtores de fumo de galpão e fumo de estufa, apresentando em média, a participação das receitas totais e despesas referentes a todas as atividades agrícolas realizadas nas propriedades.

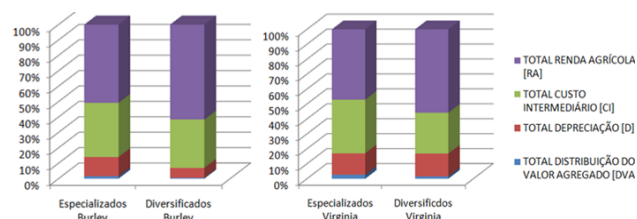


Figura 7 - Média das receitas totais e despesas envolvidas nas atividades agrícolas de famílias que produzem fumo de galpão e de estufa. Fonte: Pesquisa do autor

A RA é obtida se subtraindo do valor declarado do produto bruto total (PB) o: consumo intermediário (CI), a depreciação (D) e a distribuição do valor agregado (DVA). Com isso, observou-se que o total de renda agrícola dos sistemas que contém Burley são maiores que os sistemas com tabaco da variedade Virginia, apresentando, neste último caso, um CI e D com um maior valor médio, ou seja, com um maior custo de produção.

Se compararmos o grupo dos especializados e diversificados de ambas as comunidades se percebe que as famílias diversificadas possuem

uma RA maior que os especializados, e que os diversificados que produzem fumo de estufa recebem mais RA que os diversificados produtores de fumo de galpão, mostrando o potencial que as áreas que contêm o fumo de estufa podem explorar com a diversificação da renda. Isso também pode ser explicado através da maior mão de obra familiar existente nas famílias produtoras de fumo de estufa diversificadas se comparada com as famílias produtoras de fumo de galpão.

Além das varias atividades agrícolas, as famílias de ambas as comunidades obtêm as rendas classificadas segundo Perondi (2008) como rendas não agrícolas, sendo que as atividades que compõe essa renda são: transferências sociais, atividades não agrícolas e atividade agrícola fora da unidade de produção conforme se observa na Figura 8.

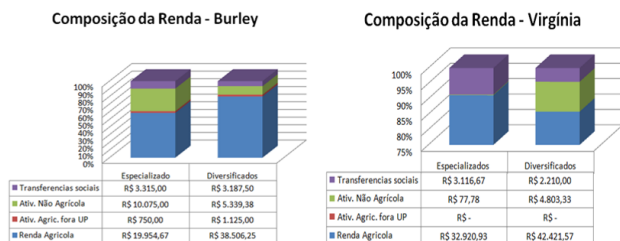


Figura 8 - Composição média das rendas agrícola e não agrícolas dos produtores entrevistados na comunidade Itaiba e Volta Grande
Fonte: Pesquisa do autor

A Figura 8 elucida que há uma grande diferença entre a composição média das rendas que compõe a renda total dos produtores entrevistados. Começando pela diferença que existe entre as rendas não agrícolas, fica claro que na comunidade de fumo de galpão há uma forte presença na quantidade de renda classificadas como transferências sociais, atividades não agrícolas e de atividades agrícolas fora da unidade de produção se comparada com as rendas não agrícolas dos produtores de fumo de estufa.

Deve-se observar na mesma Figura que as atividades não agrícolas e atividades agrícolas fora da UP estão presentes em grandes quantidade no fumo de galpão, já no fumo de estufa a atividade não agrícola que compõe a renda não agrícola é menor se comparada com a dos produtores de fumo tipo Burley e a atividade agrícola fora UP não existe dentre os entrevistados da comunidade de Volta Grande. A partir dessa análise conclui-se que a renda total dos produtores entrevistados é bem mais distribuída e maior no fumo de galpão do que no fumo de estufa.

Além da diferença entre o fumo Virginia e o Burley, há a diferença dentro de cada tipo de fumo entre os grupos dos especializados e diversificados, observando que os produtores classificados como diversificados obtêm uma renda não agrícola maior que os produtores especializados, exceto na atividade não agrícola dos especializado da

comunidade Itaiba, onde é explicado por ter uma família em que três pessoas trabalham fora da propriedade em atividades não agrícolas e dos especializados da comunidade Volta Grande, onde possui uma família que é especializada somente em transferência social, onde as duas pessoas da casa são aposentadas.

Conforme o esperado, os produtores de fumo de galpão têm uma renda não agrícola maior que os produtores de fumo de estufa, bem como os produtores classificados como diversificados, em ambas as comunidades, tem a renda não agrícola maior que os especializados, desconsiderando os casos já explicados acima.

Ao contrario do que se pensava, no estudo comparativo entre as RAs das comunidades percebe-se que a maior RA está com os produtores de fumo de estufa e não com os produtores de fumo de galpão, mas se explica pelo fato dos produtores da comunidade Volta Grande terem maior dedicação das UTHf com a atividade agrícola, já que a renda das atividades não agrícolas de quem produz Virginia é menor de quem produz Burley. Além dessa análise, se deve comparar o grupo dos especializados com dos diversificados, e fazendo isso, percebe-se que a renda agrícola dos diversificados (sendo produtores de Burley ou Virginia) é maior que a Ra dos especializados.

Dentro desse mesmo contexto, a explanação de um caso deve ser feito e explicado através da Figura 9. Há uma família na comunidade Volta Grande que saiu da atividade do fumo a 6 anos e se especializou em na atividade leiteira entregando em média 500L de leite por dia para um laticínio.

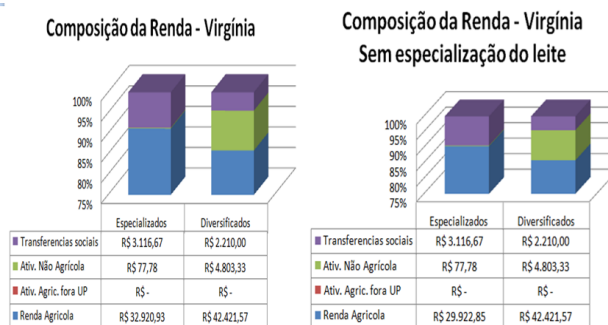


Figura 9 - Composição da renda da comunidade Volta Grande, com e sem a especialização da propriedade produtora de leite
Fonte: Pesquisa do autor

Através da Figura 9, pode-se observar que o grupo dos especializados em leite diminui a renda agrícola média de R\$ 32.920,93 para R\$ 29.922,85 se excluir da análise de RA o produtor especializado em leite, demonstrando que o potencial leiteiro que a comunidade tem é grande e pode ser explorada. Deve-se levar em consideração que esse produtor saiu da especialização do fumo para a especialização do leite, não diluindo sua renda com outras atividades, mas mostrando que é possível

mudar de estratégia e de produto a ser comercializado e oferecido para o mercado, e passando a produzir alimento.

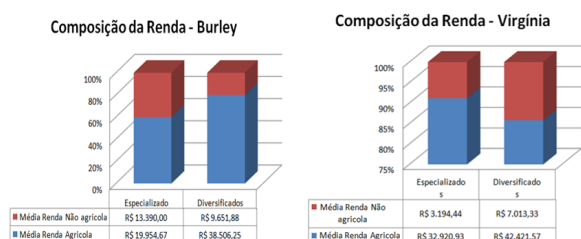


Figura 10 - Composição da renda média total das comunidades Itaiba e Volta Grande

Fonte: Pesquisa do autor

Para complementar a análise feita, não se pode deixar de observar na Figura 10 que, com ou sem a especialização do leite na comunidade Volta Grande, a renda total do grupo dos diversificados (em ambas as comunidades) é maior que no grupo dos especializados.

Outra análise é que a renda total dos produtores de fumo de galpão é menor que a renda total dos produtores de fumo de estufa, mas não se pode deixar de ressaltar que a UTHf dos produtores de fumo de estufa é maior que os de fumo de galpão, fazendo com que a média de renda total pelo UTHf médio dos produtores de fumo de estufa seja menor que os de fumo de galpão, sendo que no fumo de galpão a renda total média por UTHf é de R\$ 14.299,88 e a dos produtores de fumo de estufa é de R\$ 10.957,02.

5. CONCLUSÕES

Através desse estudo se pode afirmar que as famílias produtoras de fumo de galpão tem uma menor UTHf que as famílias produtoras de fumo de estufa, pois, os sistemas de produção que cultivam a variedade de tabaco Burley apresentam menor disponibilidade de força de trabalho que os estabelecimento com sistemas de produção com a variedade de tabaco Virginia. Observa-se, entretanto, que a renda total média por UTHf dos primeiros (fumo de galpão) é maior que dos segundos (em fumo de estufa).

Do ponto de vista da renda agrícola, o fumo de galpão apresenta uma RA menor que o fumo de estufa, entretanto, quando subdividida pela força de trabalho, medida em UTHf, o fumo de estufa remunera melhor, resultando num valor de R\$ 14.628,96/UTHf para R\$ 10.584,29/UTHf respectivamente.

Além disso, percebe-se que a renda não agrícola está fortemente presente na comunidade do fumo de galpão, podendo-se inferir que esse tipo de

diversificação da renda diminui o risco de produção e comercialização agrícola.

Por fim, percebe-se que o ID é maior na comunidade Itaiba que Volta Grande, assim se pode inferir que a primeira comunidade tem menor risco de renda além de uma maior renda total média por UTHf.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J.G. Introdução em Administração Rural. Lavras: ESAL/FAEPE. 1995.

ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br/principal.php>>. Acesso em 13/02/2011.

BONATO, A. A fumicultura no Brasil e a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco. Versão preliminar. Curitiba: DESER, janeiro de 2007.

CHAMBERS, R.; CONWAY, G. R. Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. IDS discussion paper, Brighton (UK), n. 296. p.1-33, 1992.

CONSORCIOITA. Disponível em: <http://www.consorcioita.com.br/socio_economico.php> acesso em 28 de Nov. 2010.

ELLIS, F.; FREEMAN, H. A de. Rural livelihoods and poverty reduction policies. London: Routledge, 2005. p. 04.

INSTITUTO AGRONômICO DO PARANÁ. Disponível em: <<http://www.iapar.br/>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa agrícola municipal. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11>>. Acesso em: 10 fevereiro de 2011.

LIMA, A. J. P. et al. Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

PERONDI, M. A. Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Desenv. Rural, UFRGS, Porto Alegre.

PERONDI, M. A. SCHNEIDER, S. BONATO, A. A. Metodologia para avaliar a diversificação da produção em áreas cultivadas com tabaco. In: Congresso Brasileiro de Sociologia e Economia Rural. 2008. Rio Branco. Anais... SOBER, 1 CD-ROM.

REVISTA REDE CÂNCER. Publicação trimestral do instituto nacional de câncer. Retrato do controle do tabagismo no Brasil. Realização: Equipe da Divisão de comunicação social do INCA. Rio de Janeiro, 06 setembro de 2008.

USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. World Markets and Trade. Disponível <www.fas.usda.gov/psd> , 2010.

VIANA, R.M. Grandes barragens, impactos e reparações: um estudo de caso sobre a Barragem de Ita, RJ, Tese de Mestrado, IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

RICHARDSON, R. J et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. Sociologias. n.11 Porto Alegre jan./jun. 2004.

SIMONETTI, Danieli; VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; PERONDI, Miguel Angelo. A estratégia de diversificação da agricultura familiar: o caso da comunidade rural de São João em Itapejara d'Oeste – PR. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48. 2010, Campo Grande, MS. Anais... Campo Grande: UCDB, 2010.1 CD-ROM.